

## **O PÚBLICO, O PRIVADO E A EDUCAÇÃO COLETIVA DAS MULHERES GUERREIRAS NA REPÚBLICA DE PLATÃO**

Tem esse estudo o objetivo preliminar de analisar a educação das mulheres na filosofia grega. Na República Platão apresenta os critérios de justiça a partir do cumprimento das funções. É, nesse caso, que as mulheres guerreira supostamente ocupariam as mesmas funções que os homens. Todavia, mesmo quando trata de uma suposta igualdade de funções, inviabiliza a participação do feminino em atividades que impliquem racionalidade. Palavras-Chaves : mulheres, educação, homens.

### **1 - INTRODUÇÃO**

Estudar a educação da mulheres é reviver nas entrelinhas no pensamento ocidental as amordaças e preconceitos de séculos de silêncio e dominação instituídos pelo pátrio poder. É, na realidade, seguir um caminho tortuoso, escorregadio, cujos marcas do tempo não se sucedem em compassos encadeados que resultem em harmonias rítmicas. Os segredos de um mundo masculino marcado pela força, violência e elementos constitutivos de uma racionalidade foram apresentados à história como o grande modelo que deveria ser seguido por todos os seres humanos.

Em relação a filosofia ocidental o que se apresentou como justo foi o cumprimento de funções no interior da cidade. O domínio da polis que deveria abrigar homens e mulheres foi restrito ao domínio masculino. O feminino era retirado da esfera pública para viver os dramas da dominação privada. A família como sendo o lugar privilegiado da violência abrigava toda sorte de autoridade.

Segue-se que nesse espaço de vivências os seus ritos mais secretos encontra o amparo do instituído. É tentando traçar um quadro dessa vivência pedagógica que dividiremos esse texto em quatro partes: Na primeira enfocaremos a distinção entre o público e o privado no pensamento grego e o conseqüente lugar do feminino; Em seguida trataremos da relação entre o homem, a mulher e o andrógino no Banquete de Platão, em que a noção de amor superior implica o amor de iguais, se esses iguais forem masculinos, pois só a estes cabe a racionalidade. Na seqüência do texto enfrentaremos os emaranhados conceituais da cidade ideal descrita na república de Platão em que o igual e o desigual deve ser revisitado. As funções de cada um representam um ideal de harmonia e justiça e não caba aparentemente a diferença entre sexos, principalmente, quando se refere aos guerreiros. As mesmas funções devem ser exercidas por guerreiros e guerreiras, desde que se "respeite" a fragilidade da mulher. Devem viver juntos e, nesse caso, é o que abordaremos na última parte do texto, o amor deve ser coletivista ou, pelo menos a comunidade de mulheres que implica em um projeto pedagógico amplo que deve envolver o ato "coletivo" de procriar, a idade adequada e a educação coletiva dos filhos.

### **2 - A POLIS E A FAMÍLIA**

É conhecido o estudo de Hannah Arendt sobre as esferas pública e o privada. No capítulo II do livro *A Condição humana*, a referida autora mostra o abismo vivido pelos gregos, que todos os dias teriam que transpor o lugar da violência (família) para integrarem-se ao domínio da palavra. Era na esfera pública que segundo Arendt (1991) o indivíduo poderia ser livre. Essa vida pública e política deveria agora a fazer parte da vida humana. O homem é um animal político que não vive fora da comunidade. Isso por um motivo ainda mais contundente que é a primazia do todo em relação à parte. Aristóteles (1977, p.8) chega a afirmar no seu Tratado de política que quem quer que seja que não tenha necessidade dos outros homens ou que não seja capaz de viver em comunidade com eles ou é um deus ou um animal.

Todavia quando se refere aos homens já se pode detectar uma diferença explícita e implícita em relação ao feminino. Essa diferença é para o filósofo grego uma diferença de racionalidade tal qual o escravo em relação ao cidadão. Todavia, a natureza da mulher é diferente da natureza do escravo. Isso quase aparece como uma concessão do filósofo às mulheres, que se não podem ser postas na mesma natureza que os escravos inegavelmente não poderiam também se equiparar aos homens. Sendo assim, Aristóteles(1977) esclarece:

*A condição da mulher é diferente da condição do escravo. Na realidade, a natureza não trabalha com parcimônia, tal como os artistas de Delfos, que fabricavam as suas facas para diversos fins; a natureza destina cada coisa para um uso determinado; na natureza, todo instrumento que tem apenas um uso determinado é o melhor. Somente entre os bárbaros a mulher e o escravo estão ao mesmo nível.*

Se a mulher não está no mesmo nível que os escravos, qual é então o seu papel no interior da cidade? Se a participação na vida comunitária é o maior bem para os indivíduos como encontrar um lugar

para a mulher. Os elementos que temos e que são confirmados na História da sexualidade de Foucault (1990) é que a condição da mulher é prioritariamente a procriação. Isso justificava uma hierarquia entre a esposa e a concubina e a cortesã.

*O prazer é a única coisa que a cortesã pode dar; a concubina pode proporcionar, além disso, as satisfações da existência cotidiana; mas somente a esposa pode exercer uma certa função pertinente ao seu próprio status: dar filhos legítimos e garantir a continuidade da instituição familiar (Foucault, 1990, p 134).*

Essa possível diferença instituída entre várias categorias de mulheres na antiguidade reforçam a supremacia da esposa que, sendo a única capaz de produzir filhos legítimos, desta-se das outras que unicamente podem produzir o prazer. A esposa é, nesse caso, aquela que gera o cidadão. Sendo o seu papel exclusivo na esfera privada.

É nessa esfera de necessidade que os homens são obrigados a viver por força das circunstâncias. Esse mundo de carência impõe diferenças entre o gênero masculino e o feminino. Essas possíveis diferenças eram inquestionáveis. Eram vistas pelos partícipes do mundo antigo como naturais e absolutas. Arendt (1991) nos mostra que

*O fato de que a manutenção individual fosse a tarefa do homem e a sobrevivência da espécie fosse a tarefa da mulher era tido como óbvio; e ambas estas funções naturais, o labor do homem no suprimento de alimentos e o labor da mulher no parto, eram sujeitas à mesma premência da vida. Portanto, a comunidade natural do lar decorria da necessidade: era a necessidade que reinava sobre todas as atividades exercidas no lar (Arendt, 1991, p 40).*

### **3 - O HOMEM, A MULHER E O ANDRÓGINO**

Diferenças entre os sexos e a possibilidade inclusive de um amor superior foi apresentada no Banquete de Platão, que como toda reunião filosófica, as mulheres estavam excluídas. Nos discursos que se seguem às homenagens feitas à Agatão, Aristófanes que era um dos partícipes do grande colóquio filosófico sobre o amor passa a proferir o seu discurso lembrando o mito da androgenia.

Eram três os gêneros da humanidade conforme o discurso de Aristófanes. Além do masculino e do feminino, um terceiro comum a esses dois e agora desaparecido, apresentava-se com extrema força física e a duplicidade dos dois sexos. Esse era o andrógino. Um gênero extremamente poderoso e presunçoso. O seu vigor era tão grande que se voltam contra os deuses que, impotentes, não poderiam matá-los. É então que Zeus, após longa reflexão, resolve decepá-los ao meio. A cada uma que cortava, ordenava que Apolo volta-se o rosto para o lado do corte, cujo intuito fundamental era limitar o poder dos andróginos. Sendo assim:

*Desde que a nossa natureza se multilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo com as mãos e anlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morriam uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher - o que agora chamamos mulher - quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo (Platão, 1983, p. 23).*

### **4 - O IGUAL E O DESIGUAL: as funções na república de platão**

É na República, contudo, que Platão aponta alguns elementos que nos levariam a pensar a educação das mulheres. A idealização de uma cidade perfeita nos leva a localização da busca de um sentido e/ou da verdade em contraposição ao reino da opinião. Platão chaga a sugerir que se denomine os não filósofos de filodoxos, para que o campo da sabedoria seja resguardado.

É um lugar de suposta perfeição fundado na idéia de justiça que, principalmente se refere a possibilidade de cada segmento cumprir um função determinada. O filósofo, o guardião ou o escravo devem aprimorar as suas virtudes em função das necessidades da cidade.

É quando se refere aos guardas que Platão(1982, p. 86) mais esmiuça seu projeto pedagógico para a cidade. E quando inquirido sobre o tipo de educação, responde: Ora, para o corpo temos a ginástica e para a alma a música.

Faz-se necessário, nesse contexto, vigiar os produtores de sonhos, posto que a delimitação dos discursos devem ser demarcados entre os verdadeiros e os falsos. Os fabricantes de fábulas não podem segundo Platão (1982, p. 88) não podem encontrar lugar na cidade. Sendo assim, as fábulas não devem ser apresentadas às crianças e jovens, principalmente as de Hesíodo e Homero e outros poetas. Com efeito, esses compuseram fábulas mentirosas que foram e continuam a ser contadas aos homens, pois segundo Platão (1982), a "mentira" da fábula é sem beleza. O belo já está configurado e não cabe ao poeta reelaborá-lo. Isso implica na quebra da verdade. É o domínio da doxa.

*Aquele que conseguiu a maior das mentiras sobre o maior dos seres consumou-a sem beleza, quando disse Úrano fez o que refere Hesíodo e como Cronos se vingou. Mesmo que o comportamento de Cronos e a maneira como foi tratado pelo filho fosse verdadeiro, julgo que não deveriam ser narrados tão ligeiramente a seres desprovidos de razão e as crianças, mas que seria preferível enterrá-los no silêncio (Platão, 1983, p. 88).*

Valeria ressaltar, conforme a interpretação de Jaeger (1995, p.61) na Paidéia, que Homero, apesar de Platão, foi o grande educador da Grécia.

*Nem a apaixonada crítica filosófica de Platão conseguiu abalar o seu domínio, quando buscou limitar o influxo e o valor pedagógico de toda poesia. A concepção do poeta como educador de seu povo - no sentido mais amplo e profundo da palavra - foi familiar aos Gregos desde sua origem e manteve sempre a sua importância.*

Os guerreiros não podem ser formados pela poesia. As lamentações e as queixas, próprias da tragédia, não devem de acordo com a crítica de Platão (1982, p. 99), ser postas na boca dos grandes homens. Teremos razão para tirar as lamentações aos homens ilustres, deixá-las às mulheres, e sobretudo às mulheres vulgares. (Platão, 1982, p. 100). Essa inferioridade da mulher deve ser revisitada na cidade ideal de Platão.

Quando se refere à distribuição das ocupações e das funções na cidade, Platão sugere uma suposta igualdade entre homens e mulheres, principalmente na atividade de defesa da república. Mostramos que o papel da fêmea é parir e o macho procriar, nesse caso, continua Platão (1982, p.180), não admitiremos por isso como demonstrado que a mulher difere do homem na relação que nos ocupa e continuaremos a pensar que os guardas e as suas mulheres devem exercer os mesmos empregos. É evidente que em relação às atividades nobres que necessitem o esforço do pensamento as mulheres estariam excluídas. Isso é próprio dos legisladores e filósofos. Todavia, em relação às atividades práticas e, nesse caso, inclua-se a administração as mulheres devem ser tratadas em igualdade aos homens. Consoante as afirmações de Platão encontramos a seguinte proposição:

*...não há nenhum emprego respeitante à administração da cidade que pertença à mulher enquanto mulher e ao homem enquanto homem; pelo contrário, as aptidões naturais estão igualmente distribuídas pelos dois sexos e é próprio da natureza que a mulher, assim como o homem, participe em todos os empregos, ainda que em todos seja mais fraca do que o homem (Platão, 1982, p. 181).*

A igualdade encontra limites forjados pela própria "natureza" dos dois sexos. Embora cumprindo as mesmas funções administrativas da cidade. As limitações físicas e intelectuais da mulher devem ser asseguradas na ótica platônica. A mulher e o homem têm a mesma natureza no que se refere à sua aptidão para guardar a cidade, sem esquecer que a mulher é mais fraca e o homem mais forte. (Platão, 1982, p. 182).

Isso também se expressa em relação ao exercício e aos trabalhos da guerra, em que as diferenças físicas do homem e da mulher devem ser resguardadas dado a fragilidade e inferioridade do sexo feminino.

*...as mulheres dos nossos guardas abandonarão as suas roupas, pois que a sua virtude as substituirá; participarão na guerra e em todos os trabalhos relacionados com a guarda da cidade, sem se ocuparem de outra coisa; somente lhes atribuiremos no serviço a parte mais leve, por causa da fraqueza do seu sexo.*

Ora, para facilitar a ordem e a harmonia da cidade é que o semelhante deve ser unido ao semelhante. Sendo legislador da cidade,

*do mesmo modo que escolheste os homens, escolherás as mulheres, reunindo tanto quanto possível as naturezas semelhantes. Ora, aquelas e aqueles que tiveres escolhidos, tendo domicílio comum, tomando em comum as suas refeições e não possuindo nada de seu, estarão sempre juntos; e, encontrando-se misturados nos exercícios do ginásio e em tudo o que respeita à restante educação, serão levados por uma necessidade natural, creio eu, a formar uniões (Platão, 1982, p. 185).*

Nestes termos é que se pode entender o sentido da comunidade de mulheres proposta na República Platão. A referida comunidade visa, principalmente, quebrar o egoísmo e, conseqüentemente, a ordem da cidade. Se o justo é o cumprimento de funções que cabem a natureza de cada indivíduo, podemos justificar a necessidade de uma união coletivista ou até de uma amor coletivista que possa conter os ímpetus individualistas dos seres humanos, quando o maior bem é a saúde da cidade.

## **5 - O AMOR COLETIVISTA DOS GUERREIROS E GUERREIRAS**

A proposta de Platão, para manter a ordem e a saúde da cidade, é que o semelhante se mantenha coeso. Neste caso as mulheres dos guerreiros devem ser todas coletivas, gerando conseqüentemente uma socialização do amor e do afeto. De acordo com as ilações platônicas

As muíneres dos nossos guerreiros serão todas comuns a todos: nenhuma delas habitara em particular com nenhum deles; de igual modo, os filhos serão comuns e os pais não conhecerão os seus filhos nem estes os seus pais (Platão, 1982, p. 184).

Nessa suposta comunidade encontraremos a idéia de perfeição, embora segundo Platão, nesse caso, não se deva partir de uma necessidade geométrica, mas amorosa. É, contudo, necessário, para o bem da cidade, que se estabeleça regras de convivência que impeçam a apropriação do outro e ao fortalecimento da raça.

Essas regras devem ainda, levar em conta, o crescimento da cidade. É necessário um planejamento que possa equilibrar a relação entre o nascimento e óbito. Para que a nossa cidade, na medida do possível, não aumente nem diminua (Platão, 1982, p. 187).

Entretanto, um primeiro problema logo poderá ser apresentado quando se fala de amor coletivo ou de comunidade de mulheres. E os filhos gerados de atos coletivos? Em hipótese alguma os filhos tomarão conhecimento do seu pai biológico. Platão (1982, p. 187) sugere que,

*As crianças, à medida que forem nascendo, serão confiadas a pessoas encarregadas de velar por elas, homens, mulheres ou homens e mulheres reunidos; é que as responsabilidades são comuns a um e a outro sexo*

A educação deve ser pública. É o Estado que deve assumir o total controle dessa atividade. Não deve ser tarefa exclusiva das mulheres, mas, ao contrário, de guerreiros e guerreiras, com o intuito de prepará-los para a vida comunitária.

*Estes encarregados levarão os filhos dos indivíduos de escola ao lar e confiá-los-ão a amas que residem à parte, num bairro da cidade (Platão, 1982, p. 187).*

Os vícios familiares não devem interferir na educação das crianças consideradas normais no que se refere a saúde física e mental. O egoísmo não será conhecido, o individualismo deverá ausentar-se de tal formação e a suposta interferência paterna abolida, posto que a referência biológica não deve existir.

Há, contudo, um dilema a mais quando se refere ao nascimento das crianças geradas "coletivamente". É quando se trata - para usar um conceito de Platão (1982, p. 187) - de indivíduos inferiores que terão uma educação a parte, preparando-lhes para o mundo clandestino. É que além dos indivíduos inferiores - com pouca racionalidade - poderemos encontrar as crianças que ao nascer apresentem alguma deformidade. Trata-se aqui dos deficientes físicos e/ou mentais. Platão (1982, p. 187) sugere que para os filhos dos indivíduos inferiores e mesmo os dos outros que tenham alguma deformidade escondê-los-ão num lugar proibido e secreto, como convém.

No que se refere a necessidade de amamentação Isso se justifica pela necessidade de conservação da pureza da raça dos guerreiros.. A mulher guerreira só o fará de acordo com a estrita necessidade. Utilizando-se de todos os cuidados para que nenhuma delas reconheça a sua progenitora. Caso a mãe não apareça para o ofício da amamentação, imediatamente deve ser procurada outra mulher que o faça. Platão refere-se ainda ao tempo justo de procriar. As mulheres parirá para a cidade dos vinte aos quarenta anos. Já os homens procriará para a cidade até aos cinquenta e cinco anos. Esse período deve ser rigorosamente seguido, pois se trata de um tempo que possibilita a geração de filhos fortes e saudáveis. O descumprimento implica em um ato de injustiça e desordem para a cidade

*Assim, se um cidadão, mais velho ou mais novo, se intrometer na obra comum de procriação, declará-lo-emos culpado de impiedade e injustiça, visto que dá ao Estado um filho cujo nascimento secreto não foi colocado sob a proteção das preces e sacrifícios que as sacerdotisas, os sacerdotes e toda a cidade oferecerão para cada casamento, a fim de que de homens bons nasçam filhos melhores e de homens úteis filhos ainda mais úteis. (Platão, 1982, p. 188).*

Essa proposta de Platão implica em uma indivisibilidade da cidade. É um lugar onde cada um só terá o seu corpo e todo o resto é comum. A união gerada coletivamente des-constrói um laço gerado na unidade familiar. Na proposta de Platão (1982, p. 189).

*Todos os filhos que nascerem do sétimo ao décimo mês, a partir do dia em que se casa um guarda, serão chamados por ele, os do sexo masculino de filho, os do sexo feminino, filhas; e ele, chamar-lhe-ão pai; chamará netos aos filhos destes; eles, por sua vez, chamar-lhes-ão, avó, a ele e aos seus companheiros de casamento, e chamarão avós às suas companheiras.*

Isso significa dizer que todos os filhos gerados no período em que seus pais estejam aptos à procriação serão tratados como irmão e, nesse caso, não poderão contrair união entre si. Contudo, segundo Platão (1982, p. 189), a lei permite que irmãos e irmãs se unam se tal casamento for decretado pelo sorteio e, além disso, aprovado pela Pítia. É dessa forma que Platão pretende que a comunidade de mulheres se harmonize com o os elementos de uma constituição justa que visa exclusivamente o bem da cidade e a felicidade coletiva.

## 6 - CONCLUSÃO

Nos Diálogo de Plotino e Porfírio dos Opúsculos morais, o poeta Giacomo Leopardi, já encontra, no pensamento de Platão, os sinais de um mundo antigo desfibrado. Para Leopardi (1996, p. 439), a busca da verdade em Platão representaria um abandono do corpo e das paixões.

Platão espalha em seus escritos aquelas doutrinas da vida futura a fim de que os homens começando a duvidar e suspeitando de seu estado depois da morte, incertos e temendo muitos castigos e calamidades futuras, se contivessem durante a vida para não cometer injustiças e outras más obras (Leopardi, 1996, P.439).

Esse temor gerado pela filosofia platônica e, ao mesmo tempo, a ânsia de verdade, ou a vontade de verdade conforme a expressão de Nietzsche (1983, P. 213) analisada por Machado (1999, P. 75) e Vasoconcelos (1998) gera, na filosofia ocidental, o suposto predomínio da razão ou de um modelo de racionalidade. Essa ordem cósmica gerada e absolvida na cidade de Platão, encontra o grande fundamento na idéia do bem e no ideal de justiça. A educação reflete essa idéia.

Se levarmos em conta que o justo é cada segmento cumprir as funções predeterminadas. Nestes termos é que se pode pensar que alguns indivíduos já nascem belos, bons, sábios, justos ou virtuosos. Os setores subalternos ou as camadas inferiores só podem ter duas opções: O trabalho, que naquele contexto, representava uma atividade vil, ou a arte da guerra. A educação então, tem como uma das metas fundamentais preparar o guerreiro. O filósofo tem uma linhagem superior que lhe confere a racionalidade ou possibilidades maiores que os outros indivíduos. O escravo é simplesmente destituído de racionalidade. Não tem alma. Já o guardião passa a ser um elemento chave na República. É nesse caso que se pode pensar a educação das mulheres - e é o que Platão faz - como sendo igual a educação masculina. É a ginástica para o corpo e a música para a alma.

As diferenças estabelecidas fazem parte da natureza feminina, que é inferior. Isso não significa que não possam cumprir as mesmas funções que os homens. Faz-se necessário para o bem da cidade que essas mesmas funções sejam cumpridas pois se trata do semelhante. São os iguais que geram os elementos superiores. É de certa forma o mesmo movimento encontrado no banquete quando se trata do amor superior, que é o amor masculino.

É evidente contudo, que o projeto político de Platão, representa uma idéia de cidade perfeita. Isso quer dizer que a situação da mulher na polis grega era muito pior do que a proposta da república, o que implica, já nos primórdios do pensamento ocidental, um processo crescente ou uma tentativa articulada racionalmente de impedimentos do feminino na arte de pensar. Isso gerou e/ou fortaleceu um modelo de racionalidade masculina em que os elementos ligados a sensibilidade e a paixão deveriam ser mutilados. É da mesma forma, que Platão se insurge contra os poetas e, principalmente, contra os poetas trágicos. Esse modelo de racionalidade deve ser revisitado e o lugar do feminino no ofício do pensar deve ser assegurado com a mesma intensidade da beleza da suavidade e do esplendor da bela alma da mulher.

---

## BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, Hannah. **A Condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ARISTÓTELES. **Tratado da política**. Portugal: Europa América, 1977.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2** – O Uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

JAEGER, Werner. **Paidéia** – A Formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEOPARDI, Giacomo. Diálogo de Plotino e Porfírio/ Opúsculos Morais. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. Pp. 437-448.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).pp. 187-223

PLATÃO. **A República** - Diálogos I. Portugal: Europa América, 1982.

\_\_\_\_\_. **O Banquete**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

VASCONCELOS, J. Gerardo. (Org). Educação ciência na pós-modernidade: atalhos do poder ou vontade de verdade?. In. **Correntes modernas da filosofia da Ciência**. Cadernos da Pós Graduação em Educação da UFC (Mestrado e Doutorado), nº 10, 1998.2, pp.116

---

[Edição: 2000 - Vol. 25 - N° 01](#) > [Editorial](#) > [Índice](#) > [Resumo](#) > **[Artigo](#)**